



A polissemia da construção relacional binominal SN1 de SN2 no Português Brasileiro

Polysemy of relational binominal construction NP de NP in Brazilian Portuguese

Carolina Piechotta Martins Santos

Colégio Santo Inácio (CSI), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

carolpms@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1949-1527>

Karen Sampaio Braga Alonso

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

karensampaio@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-7853-0015>

Resumo: Neste trabalho, buscamos descrever a construção relacional binominal do tipo SN1 de SN2 no português brasileiro, em termos dos diferentes sentidos associados a ela, tais como parte-todo, localização, especialização etc. A hipótese geral é a de que esses sentidos compartilham propriedades entre si e formam um continuum entre dois domínios – o da POSSE e o da TIPIFICAÇÃO. Baseamos nossa análise no argumento de que construções do tipo SN1 de SN2 se relacionam a um esquema que evoca a habilidade de ponto de referência, nos termos de Langacker (1991; 2003). Em termos teórico-epistemológicos, partimos da perspectiva da Linguística Baseada no Uso. Para demonstrar a polissemia da construção, foi feita uma análise qualitativa de dados no Corpus do Português, em que se procurou descrever como os diferentes sentidos se relacionam e se distribuem daqueles mais prototipicamente associados ao domínio da POSSE, passando pelos que vão se distanciando das relações possessivas e chegando até os mais prototípicos do domínio da TIPIFICAÇÃO.

Palavras-chave: possessivos; Gramática de Construções; Linguística Baseada no Uso.

Abstract: In this work, we aim to describe the relational binominal construction NP1 de NP2, in Brazilian Portuguese, in terms of the different meanings associated with it, such as part-whole, location, specialization, among others. The general hypothesis is that those meanings share similarities and form a continuum between two domains, i.e., POSSESSION and TYPIFICATION. We argue that relational binominal constructions are associated with a schema that evokes a conceptualizer tracing a mental path from reference point to target (Langacker, 1991; 2003). To support this claim and describe the polysemy of that construction, we analyzed and collected data from Corpus do Português. In our qualitative analysis, we observed that relational binominal constructions are instantiated by prototypical possessives (POSSESSION domain) and by prototypical typifier (TYPIFICATION domain). Also, it covers exemplars that are in the middle of the continuum.

Keyword: possessives; Construction Grammar; Usage-Based Linguistics.

Recebido em 02 de setembro de 2021

Aceito em 27 de outubro de 2021

1 Introdução

Este artigo busca descrever a relação entre os diferentes sentidos associados à construção relacional binominal SN1 de SN2, no português brasileiro e argumentar a favor de que eles estão abarcados por domínios conceptuais distintos, a saber – o domínio da POSSE e o domínio da TIPIFICAÇÃO. A construção em foco é de difícil delimitação, por ser muito produtiva no português e permitir uma grande variedade de interpretações quanto à relação entre os dois referentes que são por ela evocados. Ela se caracteriza, em termos gerais, por relacionar dois elementos, utilizando um para modificar o outro, como se vê no exemplo “banco de praça”, em que “praça” especifica o tipo de objeto de que se fala – no caso, “banco”. Vale esclarecer que o termo relacional tem como base os textos de Halliday (2014) a respeito da transitividade verbal, mais especificamente na interpretação dada pelo autor para os tipos de orações agrupadas como relacionais.

A relação entre os dois referentes expressos em SN1 e SN2 da construção encontra respaldo, sob uma perspectiva mais ampla e geral, na própria natureza associativa do pensamento humano e pode ser atestada em diferentes formações da língua portuguesa, como se pode conferir nos exemplos que se seguem:

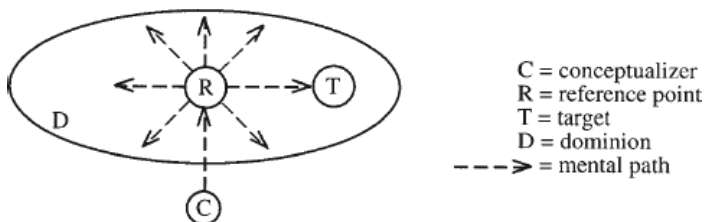
- (i) livro de João
- (ii) cadeira de praia
- (iii) cadeira de palha
- (iv) banqueta de bar

Em (i), percebemos que há, entre os nomes da construção, uma relação de posse, já que “livro” (possuído) pertence a “João” (possuidor). Diferentemente do que vimos no primeiro exemplo, depreendemos, em (ii), o sentido de finalidade, em que “praia” é o lugar-fim para a criação do tipo de “cadeira” referenciado pela colocação como um todo – uma cadeira feita para se usar na praia; em (iii), podemos notar que o SN2 (“palha”) refere-se ao material de que a “cadeira” é feita; e, por fim, em (iv), há uma relação de especificação, em que o sintagma preposicional de bar particulariza/identifica o substantivo que é o núcleo da construção, “banqueta”.

Apesar das diferentes relações semânticas entre os nomes, defendemos que há uma relação assimétrica entre os referentes expressos em SN1 e SN2, em que SN2 é tomado como ponto de referência para a interpretação de SN1 (alvo), conforme apontam Langacker (1991; 2003; 2009) e Calabrese (2010).

Langacker (2009) afirma que algumas noções gramaticais universais podem ser descritas semanticamente tanto no nível do protótipo (em que se vão definir categorias semânticas prototípicas do domínio da POSSE, como parte-todo, propriedade etc.) quanto no nível do esquema (que invoca uma habilidade cognitiva básica, que é a habilidade de ponto de referência, ou seja, a nossa capacidade de conectar mentalmente dois referentes, tomando um para compreender o outro). Sendo assim, o autor elege a análise do ponto de referência como uma caracterização esquemática das construções possessivas. Sob essa perspectiva, sentidos como os de propriedade, parentesco e parte-todo são entendidos como parte de uma rede organizada que está associada à habilidade de ponto de referência. A figura 1 representa o esquema cognitivo do ponto de referência.

Figura 1 – Análise do ponto de referência de Langacker (2009, p.82)

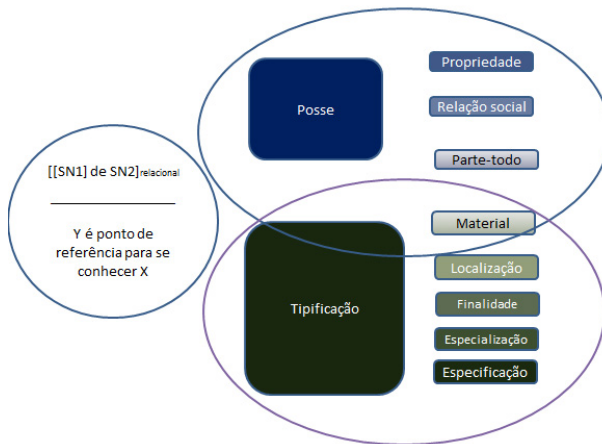


Fonte: Langacker (2009, p.82).

A Figura 1 apresenta um conceptualizador (C) que direciona inicialmente sua atenção para uma entidade tomada como ponto de referência (R). Partindo daí, o conceptualizador pode acessar outras entidades a ela associadas, que, em conjunto, são chamadas de domínio (D). Uma delas será o alvo (T). Esse esquema retrata, portanto, a forma como o falante evocar uma entidade para acessar outra – focar em R torna possível direcionar, em seguida, a atenção para T.

No caso da presente pesquisa e da construção em foco neste estudo, propomos que a construção SN1 de SN2 evoca categorias semânticas com maior ou menor grau de prototipicidade em relação a dois domínios distintos, o da POSSE e o da TIPIFICAÇÃO. Ainda, que categorias semânticas menos prototípicas do domínio da POSSE compartilham propriedades com categorias semânticas menos prototípicas do domínio da TIPIFICAÇÃO e, assim, se aproximam cognitivamente, de forma que ambos os domínios possam ser abarcados pelo alcance da construção relacional binominal que nos propomos a discutir aqui. É o que ilustra a Figura 2.

Figura 2 – Esquema relacional



Fonte: elaborado pelas autoras

Como se pode ver na Figura 2, propomos que a construção SN1 de SN2 pode ser associada a relações distintas, de modo que se toma SN2 como ponto de referência para se conhecer SN1. Os vários sentidos que

se associam a essa construção podem ser abarcados por dois domínios diferentes e apresentam valores mais ou menos prototípicos em relação a cada um desses domínios.

A partir de Haiman (1985, p. 26, grifo do autor), entendemos que a polissemia dá conta de “sentidos relacionados mapeados em uma única forma”; (...) “operacionalmente, polissemia pode ser definida como homonímia recorrente, dada a hipótese de que similaridade recorrente de forma deve refletir similaridade de significado”.

Retomando os exemplos apresentados anteriormente, de (i) a (iv), entende-se que eles ilustram algumas ocorrências do padrão construcional SN1 de SN2. Tomando-os como base, podemos assumir que o falante faz uso de uma construção relacional binominal, em que, a partir da combinação de dois itens, emerge o sentido da construção, em situações concretas de uso, tomando um nome para conformar o entendimento do outro nome (LANGACKER, 1987; 2003; 2009).

Considerando a construção como uma associação entre um polo semântico e um polo formal, nosso foco aqui é descrever a polissemia da construção, assumindo, com isso, que se trata de uma mesma forma associada a vários sentidos. Assim, adotamos uma visão dinâmica da construção do significado, já que um ou outro sentido é posto em proeminência, na dinâmica da construção do discurso. A natureza da relação semântica entre os dois constituintes é fruto da perspectiva com que o falante constrói o conhecimento, com base nos significados dos nomes que compõem a construção, no seu conhecimento de mundo e no contexto de uso.

Destaca-se que a construção em análise, isto é, a construção sem o determinante, não recruta preferencialmente referentes específicos. Ao contrário, ela tende a preferir formar compostos de referência mais geral, o que pode ser visto em mais alto grau, à medida que os sentidos associados à construção se encontram mais afastados do sentido de propriedade. Observamos que a inserção de um artigo (ou outro determinante) junto à preposição “de” (da/do/deste) parece alterar a aceção da construção, pois acarreta uma maior restrição das possibilidades de relação que se apresentam entre os nomes na construção relacional binominal em foco.

Retomando o exemplo “banqueta de bar”, observa-se que o sintagma preposicional “de bar”, que se adjunge ao núcleo, parece indicar um tipo específico de banqueta que se encontra normalmente em bares, ou seja, uma banqueta alta, para que o cliente possa ser atendido no balcão. Nesse

caso, “bar”, apresentando-se como um nome nu, evoca o conceito de “bar” tomado mais genericamente. Por outro lado, em “banqueta do bar”, “bar” refere-se a um local de referência compartilhada entre os interlocutores; portanto, um referente “bar” já conhecido e especificado, mais dependente do seu contexto de uso – e não tomado como um bar qualquer, um tipo de estabelecimento comercial onde se vende bebida e comida.

Ao diferenciar “banqueta de bar” e “banqueta do bar”, entendemos que talvez a primeira colocação esteja vinculada à noção de “bar” tomada de forma mais geral, apresentando, assim, grande potencial para formação de léxico e convencionalização de expressão de nomes para as categorias de entidades do mundo. Desse modo, temos, ao lado das relações de POSSE, relações de TIPIFICAÇÃO associadas à construção relacional binominal – cuja interpretação mais geral é a de um tipo específico de X — um tipo específico de cadeira, de mesa, de banqueta etc. — estaria associada aos vários sentidos (finalidade, especificação etc.) dela: no exemplo supracitado “cadeira de praia”, temos, por meio da ideia de finalidade, a convencionalização de um nome dado a um tipo de cadeira (não a uma cadeira em particular) que foi projetada para ser usada na praia. Ainda que haja diferenças entre as cadeiras de praia existentes, todas podem ser nomeadas como cadeiras de praia.

Nesse sentido, consideramos que a construção SN1 de SN2 é muito utilizada na língua para formar etiquetas linguísticas, para nomear tipos de referentes do mundo, a exemplo de “caixa de som”, “fita de vídeo” e “mesa de cabeceira”, ou seja, como um produtivo processo de formação de chunks lexicais estruturalmente complexos.

Para melhor avaliar os diferentes usos dessa construção e para melhor entendimento do tipo de análise que está sendo proposta aqui, seguem outros exemplos retirados de uma amostra que foi analisada em estudo anterior:

- (1) “O que mais gosto de ficar é a sala, sentada nesta cadeira preta, escutando música, ou então na rede. A sala não tem muitos móveis, só uma rede, uma **mesinha de metal** preta, uma **cadeira de couro...**” (Corpus Discurso & Gramática - Informante 3- Descrição de local)
- (2) “Na mesma parede está minha estante que adoro de paixão. Foi feita por mim e meu pai e guarda desde álbuns fotográficos a livros técnicos além **de materiais de desenho.**” (Corpus Discurso & Gramática - Informante 5- Narrativa recontada)

(3) “No final de 1991 meu primo André se formou no 2 o grau e a sua **festa de formatura** foi no Círculo Militar (Corpus Discurso & Gramática - Informante 2 - Narrativa de experiência pessoal)

(4) “A **Bolsa de Valores** paulista registrou volume de negócios de apenas US\$ 141,3 milhões...” (Corpus do Português, séc. XX)

Em todos os exemplos, percebemos uma relação assimétrica entre os elementos que figuram na construção. Por se tratar também de uma construção muito produtiva e que licencia expressões bastante convencionalizadas, há muito frequentemente uma automatização na ordem em que esses nomes ocorrem para que um dado sentido seja construído: podemos constatar, por exemplo, que não é possível inverter a posição de SN1 e SN2 na construção, como em *formatura de festa, já que os nomes possuem uma ordem fixa. Ainda, se compararmos outras colocações, como “roda de samba” e “samba de roda”, fica bastante evidente que há uma restrição dessa ordem com base na alta frequência das colocações.

Em (1), há entre SN1 e SN2 uma relação entre a entidade concreta e a matéria de que é feita nas duas colocações destacadas. Nesse sentido, “metal” e “couro” indicam os materiais (todo) com os quais a “mesinha” e a “cadeira” (parte) são feitas.

Em “materiais de desenho”, notamos outro tipo de relação qualitativa entre os nomes, a saber: finalidade. Os materiais são para desenhar, isto é, SN2 revela uma utilidade específica de SN1. Cabe dizer que é possível substituímos a preposição “de” pela preposição “para”, mantendo o sentido.

No exemplo (3), a relação estabelecida entre os nomes é de especificação, já que “formatura” especifica o tipo de “festa”. Poderíamos ter no lugar de “formatura” outros nomes para especificar “festa”, como aniversário e casamento, por exemplo. Nesse sentido, o sintagma preposicional delimita o âmbito de referência do núcleo.

Há, ainda, colocações que estão mais integradas conceptualmente e lexicalizadas na língua, como observado em “Bolsa de Valores”. O fato de o adjetivo “paulista” modificar toda a construção e não apenas um dos nomes corrobora o fato de a construção se definir como um único referente cognitivo (LANGACKER, 2003; 2009). Além disso, a possibilidade de inserção de algum elemento na construção, como em “Bolsa paulista de valores”, parece improvável.

Por meio desses exemplos, percebemos a diversidade de relações semânticas que podem ser estabelecidas entre os nomes a partir de um mesmo padrão sintático na língua: SN1 de SN2. O falante estabelece

relação entre duas entidades a partir de uma estrutura, SN1 de SN2, que está disponível na língua. Assim, cabe-nos descrever essa construção a qual, segundo nossa hipótese inicial, configura um caso de polissemia, já que seus variados sentidos se estruturam dentro de uma cadeia de relações que nos informa sobre como o falante concebe o mundo à sua volta.

Nossa análise se desenvolverá sob a ótica da Linguística Baseada no Uso (BARLOW, KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013), com a utilização de pressupostos do modelo de descrição gramatical intitulado Gramática de Construções (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006; HILPERT, 2014; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

Seguindo esse arcabouço teórico, podemos afirmar que há uma relação de simbiose entre gramática e discurso, já que estão entrelaçados, interagem e se influenciam mutuamente (CEZARIO, FURTADO DA CUNHA, 2013). Dito de outra forma, a gramática não é vista como um sistema autônomo, mas como uma entidade dinâmica que é moldada de acordo com o uso que os falantes fazem dela em situações reais de comunicação. Considerando que a gramática é diretamente baseada na experiência linguística, analisar esses dados de uso é crucial para o entendimento do conhecimento linguístico do falante.

De acordo com essa perspectiva, os níveis de abstração encontrados na gramática baseada no uso são construídos via categorização de instâncias similares de uso em representações mais abstratas (BYBEE, 2010). Consideramos, ainda, que as construções, pareamento de forma-significado, são fundamentais na estruturação de uma língua. As construções constituem-se como parte de nosso conhecimento sobre a língua e devem ser aprendidas e memorizadas individualmente. Assim, podemos afirmar que nosso conhecimento linguístico se constitui como um inventário de construções gramaticais, um repositório estruturado de construções.

Entendendo, de acordo com Goldberg (1995; 2006), que a construção gramatical é um pareamento de forma e sentido, atestamos, como dito, que há variados sentidos associados ao padrão sintático SN1 de SN2: propriedade, finalidade, parte-todo etc. Logo, o objetivo geral desta pesquisa é descrever a polissemia da construção relacional SN1 de SN2. Para tanto, pretendemos argumentar a favor de que a referida construção é polissêmica e de que promove a formação de colocações com grande potencial de rotinização e espraiamento na comunidade linguística.

A partir disso, postulamos os seguintes objetivos específicos:

(i) criar uma taxonomia de sentidos associados ao sentido de posse (propriedade, parte-todo e parentesco), tal como descrita em Langacker (1991, 2003) e Calabrese (2010), e de tipificação (BOURQUE, 2014; JACKENDOFF, 2010), a partir da observação de dados de usos qualitativos associados ao padrão construcional SN1 de SN2;

(ii) descrever as principais relações de sentido associadas a SN1 de SN2, a exemplo de especificação, finalidade, material, para verificar como se relacionam ao domínio da POSSE e da TIPIFICAÇÃO;

(iii) postular a existência da construção relacional mais geral do tipo SN1 de SN2 associada à ideia de ponto de referência em português, confirmando a hipótese de Langacker (1991, 2003) em seu estudo sobre as construções possessivas inglesas.

Apresentamos as seguintes hipóteses vinculadas a cada um dos objetivos propostos:

(i) haveria uma rede polissêmica na qual as diferentes acepções da construção em análise vão sendo associadas semanticamente através de links de herança (GOLDBERG, 1995);

(ii) haveria uma construção geral relacional à qual estariam vinculados os diferentes sentidos resultantes da taxonomia realizada, como parte-todo, especificação, finalidade, de acordo com a semântica de SN2;

(iii) o mecanismo cognitivo por meio do qual o falante opera a relação entre os nomes da construção em análise é a habilidade cognitiva do ponto de referência (LANGACKER, 1991; 2003).

Com base na perspectiva teórica adotada, para descrevermos os sentidos associados à construção binominal relacional, observou-se o uso que os falantes fazem da língua em uso. Posteriormente, realizamos coleta de dados no Corpus do Português. Após a realização da análise de dados e a distribuição das colocações nas categorias referentes aos sentidos veiculados, caracterizamos cada categoria, a fim de verificar como se relacionam e, posteriormente, argumentamos a favor da polissemia da construção.

Na próxima seção, focalizamos os conceitos fundamentais da Linguística Baseada no Uso, visando fornecer um lastro teórico que possibilita a investigação do fenômeno em análise. O foco de interesse é o estudo da língua com base nas funções que esta desempenha nas diversas atividades discursivas no cotidiano.

2 Pressupostos teóricos

Este estudo se baseia nos pressupostos teóricos da Linguística Baseada no Uso (BARLOW, KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Assim, entende-se a gramática como uma estrutura que está em constante mutação em função do uso, tendo como princípio básico o fato de que a estrutura da língua emerge à medida em que é usada.

Dessa maneira também, entendemos que, uma vez que as situações e as intenções do falante são muito variadas, eles vão desenvolvendo expressões alternativas que se ajustam a essas diferentes realidades comunicativas. O processo de desenvolvimento de construções gramaticais que surgem com o uso da língua envolve habilidades e estratégias cognitivas gerais, isto é, que também são recrutadas em tarefas não linguísticas.

Para Bybee (2010), uma teoria da linguagem deveria ser baseada em processos dinâmicos que criam a língua e dão a ela estrutura e variância. Nesse sentido, os fenômenos estruturais observados na gramática das línguas podem derivar de processos cognitivos de domínio geral. De acordo com a autora,

um foco nos processos dinâmicos que criam língua nos permite também ir além do foco exclusivo na estrutura linguística e estabelecer um objetivo mais amplo: derivar estrutura linguística da aplicação de processos cognitivos de domínio geral. Nesse contexto, processos cognitivos de domínio geral seriam aqueles que operam em outras áreas da cognição além da área da linguagem (BYBEE, 2010, p.1).¹

A gramática é, portanto, resultante da atuação desses processos cognitivos de domínio geral, os quais modelam a experiência linguística e não linguística do falante. Entendemos que a gramática é ancorada na experiência, sendo sua estrutura, portanto, estatisticamente sensível a dados de uso. De fato, toda experiência do falante impacta cognitivamente

¹ No original: “A focus on the dynamic processes that create language also allows us to move away from an exclusive focus on linguistic structures and formulate a broader goal: to derive linguistic structure from the application of domain general processes. In this context, domain-general processes would be those that can be shown to operate in areas of human cognition other than language.” (BYBEE, 2010, p.1).

a representação mental que ele faz das estruturas de sua língua. E, assim sendo, entende-se que gramática é um conjunto de unidades simbólicas que pareiam forma e sentido (construções gramaticais), organizado em forma de rede.

A autora afirma que os processos de domínio geral que criam as estruturas linguísticas oferecem explicações para os processos específicos e situa a língua num contexto mais amplo do comportamento humano. Os processos estudados por Bybee (2010) são: categorização, chunking, memória rica, analogia e associação transmodal.

De acordo com a autora, entender esses processos de domínio geral que criam as estruturas linguísticas nos ajuda a encontrar explicações para processos específicos e situa a língua num contexto mais amplo do conhecimento humano. Em consonância com essa perspectiva, Diessel e Hilpert (2016) afirmam que a estrutura linguística é frequentemente caracterizada como um fenômeno emergente moldado pelos processos cognitivos de domínio geral, como a analogia, a categorização e a automatização², que são influenciados pela frequência de ocorrência.

Entendemos também que conceitos distintos estão relacionados em uma rede cognitiva estruturada com base na nossa capacidade de analogia e categorização. Por exemplo, o falante ouviria a construção instanciada por “perfume de Pedro” (posse) e produziria por analogia, em certa situação comunicativa, “beleza de Pedro” (posse abstrata). Dessa forma, entendemos que o ouvinte organiza seu conhecimento linguístico a partir do reconhecimento de um novo uso e da associação desse com representações já estocadas na memória.

Partimos do pressuposto de que os eventos de uso são fundamentais para a continuidade da estruturação do sistema linguístico, já que representam tanto o output do sistema do falante, como fornecem o *input* para os sistemas de outros falantes. Sendo assim, as alterações e extensões no emprego das expressões linguísticas também são fruto da forma como armazenamos dados de uso, ou seja, do fato de que

² Equivale ao conceito de *chunking* proposto por Bybee (2010). Diessel e Hilpert (2016) definem a automatização como um mecanismo psicológico que é crucialmente impulsionado pela frequência de ocorrência e é restrito à linguagem. De acordo com os autores, a automatização não se preocupa com o surgimento e organização de categorias, mas com o processamento de conexões associativas entre conceitos e características de categoria.

nossas experiências (linguísticas e não linguísticas) são mediadas por processos cognitivos de domínio geral. Os novos usos que ocorrem como resultado desse processo podem ter um aumento na sua frequência e ser incorporados ao sistema.

Bybee (2010) aponta que todo dado de experiência é classificado e colocado numa rede vasta como parte do processo de decodificação, que tem um efeito na representação. Os dados novos de experiência não são decodificados e descartados, eles têm impacto na representação da memória, isto é, todo exemplar tem impacto na representação cognitiva da construção. Assim, quando um dado da experiência linguística é identificado como um exemplar, ele é mapeado na memória, reforçando-o. Já os dados similares são representados como exemplares e armazenados próximos aos exemplares similares constituindo agrupamentos ou categorias.

Com isso, queremos dizer que o falante testemunha uma determinada construção e isso impacta a categoria da qual ela faz parte. O que ele escuta é um gatilho para a rede cognitiva. Considerando a construção aqui estudada, podemos afirmar que, quando um usuário da língua testemunha um uso da construção binominal relacional, ele reconhece similaridade de forma e busca, então, similaridade semântica e/ou funcional, de maneira que aquele dado do uso se conforme, também no plano do sentido, com outros itens já armazenados.

Defendemos aqui que a construção binominal relacional é utilizada pelo falante para expressar diferentes sentidos e que ela é altamente produtiva em português. Nesse sentido, afirmamos que essa construção apresenta alta cobertura (*coverage*), na medida em que as instâncias atestadas são muito variáveis, fazendo com que essa construção tenha um grande alcance. De acordo com Goldberg (2019), o grau de cobertura de uma construção é definido como o grau com que as instâncias atestadas preenchem ou “cobrem” uma categoria.

Sobre isso, Barlow e Kemmer (2000) defendem que o modelo da Linguística Baseada no uso é aquele em que o sistema linguístico do falante é fundamentalmente baseado em eventos de uso, que engloba não só as instâncias produzidas pelo falante, mas também a compreensão linguística. Tais instâncias são a base da formação do sistema linguístico do falante, são a experiência a partir da qual o sistema em si mesmo se abstratiza inicialmente. A partir de instâncias específicas, o sistema linguístico é construído e gradualmente abstrai representações mais gerais (fonemas, morfemas, padrões sintáticos) por meio da repetição de

instâncias similares de uso. Dessa forma, o geral emerge do específico que, por sua vez, é tomado diretamente da experiência.

Hilpert (2014) considera que a Gramática de Construções é uma teoria do conhecimento linguístico. Assim, construções são, primeiramente, algo cognitivo, ou seja, parte do conhecimento linguístico do falante. O autor afirma que uma construção é uma generalização que os falantes fazem por meio de uma série de encontros com formas linguísticas.

Considerando, ainda, que as construções gramaticais capturam o conhecimento linguístico do falante (GOLDBERG, 2013), ao tomar uma dada construção como objeto de estudo procurarmos entender como a associação de uma forma a um significado reflete a forma como o falante significa o mundo, seja ele real ou imaginado.

Na próxima seção, revisitamos alguns trabalhos que abordam a semântica das construções binominais e nos auxiliaram no entendimento do objeto de estudo e na melhor compreensão das relações estabelecidas entre as entidades da construção em análise.

3 Revisão da literatura

Os compostos são estruturas produtivas em diversas línguas, pois a maioria delas exhibe muitas palavras complexas que são compostas e, por esse motivo, vem despertando o interesse de vários estudiosos. Ao definir um composto prototípico, Rajendran (2000) afirma que é uma palavra morfologicamente complexa que contém, pelo menos, dois elementos, duas palavras independentes. Nesse sentido, a composição serviria para formar novas palavras a partir das já existentes, como uma forma de enriquecer o léxico.

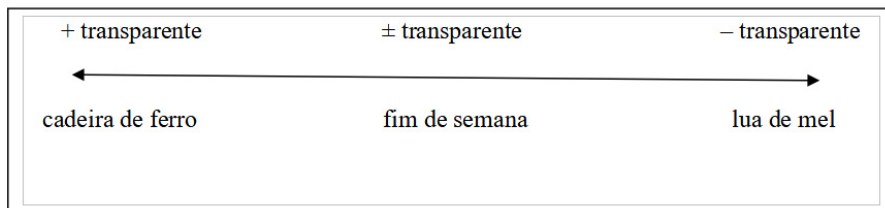
De acordo com Booji (2007), a produtividade dos compostos em muitas línguas se deve ao fato de serem transparentes semanticamente. Outra causa de sua produtividade é o fato de o processo de composição poder ser aplicado recursivamente, sendo possível formar compostos bastante longos. O autor afirma que, ao formar um novo composto, conhecemos o significado de cada um de seus constituintes e a tarefa que enfrentamos é desvendar a relação semântica entre os nomes. O padrão semântico geral de um composto da forma XY é “um Y que tem algo a ver com X”, ou vice-versa, dependendo da língua. A natureza exata da relação semântica entre os dois constituintes é uma questão de

interpretação. Como usuários da língua, temos que interpretar essa relação com base nos significados dos constituintes, no nosso conhecimento do mundo e, às vezes, no contexto em que o composto é usado.

Bourque (2014) entende a transparência semântica como um conceito escalar e multifacetado, o que resulta em um modelo granular capaz de identificar tipos diferentes de compostos. O autor toma os termos transparente e opaco como pontos extremos de um continuum, e entende, a partir daí, que as extremidades dessa escala representam valores absolutos na medida em que nada maior possa estar localizado além deles, isto é, não há composto mais opaco do que um composto opaco.

A partir dessa perspectiva, considerando a construção relacional que estamos analisando e tomando dados do português à guisa de ilustração, podemos também pensar em um continuum de transparência semântica, conforme ilustrado a seguir:

Figura 3 – Representação de um *continuum* de transparência semântica da construção relacional



Fonte: elaborado pelas autoras

A colocação “cadeira de ferro” é totalmente transparente e composicional, pois é possível interpretá-la como um objeto (“cadeira”) que é feito de determinado material (“ferro”). Em outros termos, deduzimos o significado do todo a partir da soma de suas partes, isto é, trata-se de uma construção não-lexicalizada. No lado oposto, temos uma expressão opaca e cristalizada na língua, já que “lua de mel” não pode ser entendida como um tipo de lua ou algo feito de mel, não há transparência nos constituintes da construção, não há relação entre a forma e o seu significado.

Olhando mais detidamente para essas duas colocações, percebemos que na primeira é possível substituir o SN2 por outros itens lexicais, como “cadeira de madeira”, “cadeira de alumínio”. Também poderíamos trocar

apenas o SN1 para formar algo como “mesa de madeira”. Nesse sentido, a construção é produtiva, na medida em que o esquema construcional é acessível a sancionar novas ocorrências. Tal aceção de produtividade está ligada à frequência *type*. Percebemos, portanto, que há uma relação entre a composicionalidade e a produtividade.

No segundo exemplo, a mesma possibilidade de ocorrência não parece aceitável, já que não temos na língua “lua de açúcar”, por exemplo. Em outros termos, se inserirmos algum elemento de significado semelhante, o significado integrado da colocação se perde. Outra diferença entre elas é a possibilidade de inserção de algum elemento na construção. Vejamos:

cadeira grande de ferro / cadeira de ferro grande

(?) lua maravilhosa de mel / lua de mel maravilhosa

A primeira colocação parece aceitar as duas possibilidades de inserção de um modificador, entre SN1 e a preposição e após SN2. Em ambos os casos, o adjetivo qualifica SN1, “cadeira”. Por outro lado, em “lua de mel maravilhosa” o escopo do adjetivo/modificador é a construção como um todo e não apenas um dos nomes.

No meio desse continuum, temos a colocação “fim de semana” que não faz referência aos últimos dias da semana, já que sabemos que a semana se inicia no domingo. Assim, para entendermos a construção, precisamos saber que se trata de um período que engloba o sábado e o domingo, normalmente associado à noção de descanso. Nesse sentido, não parece se tratar de uma construção totalmente transparente na língua.

Entendemos que pode haver outros níveis dentro desse continuum e que essa hierarquia poderia, ainda, ser mais detalhada. Por tratar-se de um conceito escalar, algumas colocações se aproximarão mais de um polo, ao mesmo tempo em que se afastarão do outro, isto é, serão mais ou menos transparentes. O fundamental, de fato, é o entendimento de que há um espectro gradual de transparência, conforme apresentado no esquema anterior.

Bourque (2014) comenta que uma questão intrigante dos compostos decorre do fato de que muitos permitem interpretações diferentes. O composto “casa de cachorro” (*dog house*), por exemplo, pode licenciar dois sentidos: casa onde há um cachorro (localização) ou casa para cachorro (propósito). Dessa forma, o autor defende que um único composto pode assumir múltiplas análises e afirma que

ambas as interpretações estão corretas e as relações estabelecidas são encontradas na literatura sobre compostos. Levi (1978 apud BOURQUE, 2014) argumenta que a existência de “dupla análise” é simplesmente uma consequência de um sistema de linguagem que mostra muita interdependência.

Em sua pesquisa, a partir da análise de dados, o autor chega a diferentes relações semânticas, tais como: coordenação, produção, função, tempo, propósito, fonte, tópico, local, causa, posse, similaridade, composição etc. Mas nem todas as relações semânticas encontradas por Bourque (2014) foram observadas no *corpus* analisado aqui, considerando o recorte metodológico feito. Soma-se a isso o fato de que a relação de composição foi por nós incluída na relação parte-todo e de que a relação de descrição foi por nós considerada como identificação. Também não diferenciamos a relação localização da relação tempo, tal como Bourque (2014), considerando ambas como membros da relação localização.

Neste trabalho, nossa principal hipótese é a de que diferentes sentidos são construídos e associados à construção relacional binominal e que esses sentidos estão abarcados por dois domínios distintos — POSSE e TIPIFICAÇÃO —, os quais compartilham uma mesma estrutura conceitual: o fato de uma entidade se colocar como ponto de referência para a identificação de outra, dentro de um espaço conceitual ou domínio.

Stassen (2009) aponta que necessariamente a noção de posse envolve duas entidades: o possuidor e o possuído. Atenta também para a assimetria dessa relação, visto que o papel de cada entidade é diferente — nesse caso, o possuidor exerce controle sobre o possuído. Ao reconhecer o controle do possuidor, assume-se que ele tenha prototipicamente o traço [+humano].

O argumento é o de que X e Y estabelecem uma relação de posse se compartilham o mesmo espaço e, portanto, estão em contato. Também em casos prototípicos, a relação de posse entre o possuidor e o possuído deve ser relativamente duradoura. O autor postula dois parâmetros para a caracterização da POSSE, a saber: controle e contato permanente. A posse alienável seria, sendo assim, o caso canônico, já que o possuidor exerce controle sobre o possuído e ambos estão em contato permanente.

Para Jackendoff (2016), um composto consiste em dois nomes concatenados (SN1 e SN2) que formam um novo nome (*teabag*, *oil*

drum, sunflower, bedframe, copy machine, engagement ring)³. O autor demonstra a variedade de relações semânticas que pode existir entre os nomes, utilizando o substantivo *cake*. Abaixo, reproduzimos apenas alguns dos exemplos de Jackendoff (2016, p. 16):

a. *chocolate cake* = ‘a cake made with chocolate in it’⁴

b. *birthday cake* = ‘a cake to be eaten as part of celebrating a birthday’⁵

c. *coffee cake* = ‘a cake to be eaten along with coffee and the like’⁶

Jackendoff reconhece que esse leque de relações semânticas não ocorre apenas com os compostos convencionalizados, mas também com novos compostos. Os falantes armazenam milhares de compostos lexicalizados com significados semi-idiossincráticos, mas nem todos os compostos podem ser armazenados no léxico, considerando que há compostos que são produzidos/criados em situações particulares do discurso. A criatividade na produção de compostos não se restringe aos adultos, crianças começam a entender e a criar seus próprios compostos entre 2 e 3 anos.

Na seção que segue, apresentamos as características do *corpus* utilizado neste estudo e a metodologia adotada para descrição e análise dos dados.

4 Metodologia

Por assumirmos as premissas da Linguística Baseada no Uso e considerarmos que a língua é aprendida e construída com base no *input* e nas capacidades cognitivas de domínio geral, nossa proposta de descrição da construção binominal relacional polissêmica se baseou em dados reais de uso. Interessa-nos verificar o papel do uso na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática.

³ saquinho de chá, tambor de óleo, girassol, estrutura da cama, copiadora, anel de noivado (tradução nossa).

⁴ bolo de chocolate: um bolo feito com chocolate (tradução nossa).

⁵ bolo de aniversário: um bolo para ser comido como parte de uma comemoração de aniversário (tradução nossa)

⁶ bolo de café: um bolo doce para comer junto com café ou algo do tipo (tradução nossa).

Este estudo foi norteado pela hipótese geral de que a construção SN1 de SN2 é usada pelo falante para veicular diferentes sentidos, como parte-todo, especificação, finalidade. Por esse motivo, defendemos que se trata de uma construção polissêmica.

Considerando essa hipótese, nosso objetivo é investigar os vários sentidos veiculados pela construção em análise e demonstrar como tais sentidos se relacionam. A partir daí, buscamos perceber como a construção SN1 de SN2 se caracteriza e o que leva o falante a usar a mesma contraparte formal para expressar variados sentidos. Para cumprir os objetivos previamente estabelecidos, procurando testar as hipóteses apresentadas na introdução, seguimos as seguintes etapas metodológicas:

i) coleta de dados no Corpus do Português;

ii) observação e classificação dos dados resultantes, buscando capturar as relações de sentido nos contextos específicos no Corpus do Português;

iii) descrição das diferentes relações de sentido capturadas por meio das colocações resultantes de busca no Corpus do Português com o intuito de verificar como se organiza a distância entre esses sentidos na rede, considerando a similaridade e a dissimilaridade no armazenamento do *input* (cobertura).

Os sentidos propostos para a construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2 teve como base uma análise de *corpus*. Percebemos que os diversos sentidos associados à construção SN1 de SN2 retratam uma situação de polissemia. Para pensar na polissemia e na relação entre os diferentes sentidos da construção, olhamos os *types* encontrados no Corpus do Português.

Conforme mencionado, o conjunto de dados selecionados da construção SN1 de SN2 mostra-se menos apegado a contextos específicos, por conta de o SN2 ser indefinido e de o falante conceber o conceito da colocação como um todo de forma mais genérica e, portanto, menos particularizada a uma ou outra situação.

Realizamos a coleta da construção relacional em dados do Corpus do Português⁷. Esse *corpus* é um banco de dados online que possui vários segmentos para busca, dentre eles o Gênero/Histórico de onde foram extraídos os dados analisados nesta pesquisa. Essa parte do *corpus* possui uma base de dados com 45 milhões de palavras retiradas de

⁷ Disponível em www.corpusdoportugues.org. Acesso em: 05 jul. 2021.

aproximadamente 57.000 textos entre os anos 1300 a 1900. Para o século XX — sincronia observada em nossa análise — há cerca de 20 milhões de palavras em diferentes gêneros (jornalístico, acadêmico, ficcional).

Dada a alta produtividade *type* e *token* da construção em análise, uma vez que ela é uma construção tipicamente formadora do léxico da língua, nossa análise se delimitou ao levantamento das 30 primeiras colocações da construção SN1 de SN2 no Corpus do Português — na variedade do português brasileiro — em diferentes gêneros textuais. As 30 primeiras colocações são as colocações que o *corpus* mostra como mais frequentes, quando buscamos pela construção mais esquemática ‘N de N’ e descartamos casos que apareceram nos resultados do *corpus*, mas não eram compatíveis com a construção em estudo.

Ao clicar em cada colocação, é possível ver as referidas ocorrências nos dados do corpus; entretanto, como havia um número extremamente grande e variável de ocorrências por colocação, optamos por determinar um número específico e igual de ocorrências a serem analisadas para cada colocação, na ordem oferecida pelo *corpus*. Vejamos a lista de colocações encontradas no referido *corpus* (Quadro 1).

Quadro 1 – Colocações coletadas no Corpus do Português

Tribunal de Justiça	Bolsa de Valores	dona de casa
fim de semana	Faculdade de Direito	taxa de crescimento
Tribunal de Contas	Museu de Arte	assessoria de imprensa
ponto de partida	condições de vida	fundos de pensão
meios de comunicação	dor de cabeça	tempo de serviço
imposto de renda	sala de visitas	prefeito de São Paulo
taxa de juros	obras de arte	estrada de ferro
Fundo de Estabilização	serviços de saúde	cartão de crédito
qualidade de vida	Comissão de Constituição	taxa de erro
mercado de trabalho	Faculdade de Medicina	sala de aula

Fonte: elaborado pelas autoras

Após essa etapa, selecionamos e analisamos 50 ocorrências associadas às colocações listadas acima. Mais uma vez, foi necessário fazer um recorte, porque foi feita uma análise qualitativa de cada dado. Dessa forma, obtivemos 1500 dados para análise (50 dados de cada um dos 30 *types* mencionados antes). Essa amostra possui muitos textos literários e representa, essencialmente, grupos de falantes letrados. Não

é, portanto, uma amostra representativa da diversidade linguística da língua portuguesa.

Objetivamos, com essa amostra, verificar: (i) se a habilidade do ponto de referência está por trás dos usos da construção relacional binominal; (ii) se é possível falar em polissemia e, se sim, como os sentidos se relacionam; e (iii) que tipos de sentidos o falante consegue explorar a partir da ideia de que existe uma construção SN1 de SN2 que serve de ponto de referência.

Entendemos que a língua é muito variada, as comunidades de fala não são homogêneas e há muitos contextos de produção. De acordo com Stefanowitsch (2020), consideramos que as instâncias de uso da língua contidas no Corpus do Português são autênticas, isto é, produzidas com propósito de comunicação, não para análise linguística. O autor afirma, ainda, que, na língua escrita, o critério de autenticidade é fácil de satisfazer, já que amostras de escrita podem ser coletadas após o fato, de forma que não há como o falante saber que sua língua estará sob observação científica.

Após a exclusão dos dados que não entraram na análise, fez-se uma interpretação dos dados concernentes a cada uma das ocorrências e se chegou a uma classificação semântica da relação entre SN1 e SN2 que prototipicamente cada uma evoca.

5 Análise

Passamos, agora, a apresentar, mais detidamente, as categorias propostas para a classificação dos sentidos da construção relacional, ilustrando com alguns exemplos do *corpus* analisado. Para tanto, nos baseamos na classificação de outros autores, como Langacker (1991; 2003), Calabrese (2010), Bourque (2014), fazendo as adaptações necessárias na categorização, de acordo com os dados, isto é, inserindo ou excluindo determinadas categorias de análise.

Os elementos componentes dos subesquemas associados a essas relações semânticas serão tratados, ao longo da análise, como X e Y, em que Y é geralmente tomado como ponto de referência para se conhecer X — assim, entende-se que o falante estabelece uma conexão mental entre X e Y.

Como se viu, a construção relacional binominal é bastante produtiva não só em termos de *types* mas também em termos de *token*. Entretanto, dado o recorte metodológico assumido para este trabalho, o universo de possibilidades de relações de sentido associadas à construção relacional binominal do tipo SN1 de SN2, embora variado,

foi consequentemente reduzido. Ainda assim, é possível mostrar a polissemia da construção, bem como a relação interna entre os sentidos evocados por ela.

Categorias semânticas como a de propriedade e relação social, por exemplo, não apareceram dentre as trinta colocações mais frequentes da construção. A primeira, de propriedade (X pertence a Y), daria conta de casos como “casa/carro/livro de João”, em que João é a entidade tomada como ponto de referência para se conhecer “casa/carro/livro”. Já a segunda, de relação social (Y têm relação social com X), abarcaria exemplo como o de “vizinho/ tio/ pai/ namorado da Maria”, em que Maria é tomada como ponto de referência para conhecer o “vizinho/ tio/ pai/ namorado”.

Após destacar esses dois sentidos que são membros mais prototípicos do domínio da POSSE, passemos à análise dos dados encontrados no *corpus*.

Parte-todo (X é parte de Y)

Este sentido faz parte do domínio da POSSE, que, de acordo com Langacker (1991, 2003), engloba, além de parte-todo, a propriedade e o parentesco. Estão incluídas nessa categoria as colocações que apresentam relações de meronímia. Nesse grupo, o X é parte de um todo, representado por Y. Há uma relação partitiva entre os nomes, sendo que a parte tende a corresponder ao primeiro nome e o todo, ao segundo. Dessa forma, o nome anterior à preposição seleciona preferencialmente uma parcela do conjunto (todo) referido por Y. Seguimos com um exemplo do *corpus*.

- (5) “No carro, voltando para casa, planejou sua vida para os próximos cinco dias: faria uma festa inesquecível, compraria um vestido novo, iria ao cabeleireiro, estaria na sua melhor forma recebendo os amigos, não dispensaria o **fim de semana** na praia com a família e só no domingo à noite, depois de os filhos terem ido dormir e de tudo estar acomodado, contaria ao Rui sobre a cirurgia que teria que fazer no dia seguinte.” (Corpus do Português, séc. XX)

No exemplo anterior, observa-se que a colocação “fim de semana” é formada por meio de uma relação de parte-todo, em que o todo (“semana”) é usado como ponto de referência para se especificar de que “fim” está se falando – ou seja, à parte da semana correspondente aos dias

de descanso total ou parcial, pelo menos para uma parte da população, que se estende do final da semana de trabalho até o final de domingo.

A colocação já se estabeleceu (ao lado de “final de semana”) como uma forma coletivamente acordada de se referir a ‘sábado e domingo’ e, por isso, é esperado que esteja disponível para os falantes e que tenha uma leitura em bloco, menos composicional. Também se espera que, nesse mesmo sentido, apresente um grau menor de analisabilidade.

Por outro lado, a colocação “fim da semana” apresenta valor anafórico e “circunscreve a extensão do elemento compositivo da direita para uma dada semana, contextualmente ou situacionalmente determinada e recuperável: o fim da semana compreende os últimos dias de trabalho e/ou de lazer da semana de que se fala” (RIO-TORTO *et al.*, 2013, p.464).

Nesta relação, em que “X é parte Y”, ainda que o “todo” possa ser conceptualizado como possuidor de suas “partes”, podemos notar que a noção de propriedade é menos proeminente. Neste caso, o foco recai sobre a noção de pertencimento, ou seja, uma “parte” que pertence a um “todo”, que existe no “todo”.

Considerando os parâmetros propostos por Stassen (2009) para a caracterização do domínio semântico/cognitivo dos possessivos — controle e contato permanente —, percebemos que, na relação parte-todo, não há um controlado e controlador. Em “fim de semana”, por exemplo, fica claro que o todo (“semana”), que não é humano, não exerce controle sobre sua parte (“fim”). No entanto, poderíamos dizer que há contato permanente entre X e Y, já que a parte delimita o todo e estão, portanto, em uma relação local relativamente duradoura. É importante destacar, ainda, que o todo, nesse caso, o nome “semana”, mais saliente perceptualmente, é tomado como ponto de referência para que se acesse o outro nome, a parte.

Material (Y é o material de que X é feito)

Assim como Bourque (2014), consideramos a relação material (chamada pelo autor de composição) como um padrão semântico distinto de parte-todo, por entendermos que naquela o foco está em uma propriedade que identifica, especifica um dado objeto, enquanto nesta o que está em proeminência é a noção de pertencimento, de algo (parte) que se localiza no todo. Dessa forma, nos afastamos, neste ponto, de

classificações como a proposta por Winston et al. (1987), que incluem a relação material-objeto na categoria parte-todo.

Apesar de entendermos que, de alguma forma, o material representa o todo e o objeto, uma parte feita a partir do todo, percebemos, nos dados, que o falante parece colocar em proeminência o sentido de material, com o intuito de tipificar determinado objeto e, assim, diferenciá-lo de outro.

Ilustramos a referida categoria no exemplo que segue.

- (6) Adriano prosseguiu: – A hora da procissão é a melhor. O desaparecimento da Nossa Senhora não vai ser notado por ninguém. Só no dia seguinte. – E depois de tirada a Nossa Senhora? – Passe pela estação da **estrada de ferro**. Lá você verá as vasilhas de alumínio do leite que vai ser embarcado. Todas as encostadas no muro estão vazias. Ponha o saco de lona dentro de uma delas. – É só isto? - Só. No trem nós cuidamos do resto.”
(Corpus do Português, séc. XX)

Em (6), o nome “ferro”, que ocupa a posição de Y na construção, denota o material do nome que é núcleo da construção, “estrada”. Percebemos claramente nessa colocação, que apresenta leitura mais composicional, a relação estabelecida entre os nomes. No exemplo acima, a relação construída entre os nomes é de material e o SN2 (ferro) serve como ponto de referência para a identificação da “estrada”.

Ao ser comparada com colocações como “fim de semana”, analisada anteriormente, se observa que “estrada de ferro” apresenta uma leitura mais composicional e mais analisável. O sentido final da colocação pode ser depreendido do sentido de suas partes componentes, bem como é possível reconhecer cada parte da construção como uma unidade formal separada das demais. Como toda e qualquer forma da língua, pode ser internalizada como uma construção gramatical, a depender da experiência linguística de cada indivíduo; ainda, poderíamos postular que essa se mostra menos amplamente difundida na comunidade linguística, dada a sua aplicabilidade mais restrita, do que “fim de semana”, por exemplo.

Esta relação se aproxima da analisada anteriormente (parte-todo), se considerarmos que o objeto, em alguma medida, é feito de parte do material, no entanto tem uma forma própria, não é um

componente do todo. Em “estrada de ferro”, “ferro” é a matéria da qual predominantemente a “estrada” é feita.

O foco recai mais em uma das propriedades que identificam o objeto do que no fato de que ele é um componente do todo. Assim, percebemos que a ideia de que ele pertence ao todo, já periférica em relação à posse, parece mais enfraquecida.

Ainda que estejamos considerando que a relação parte-todo seja englobada pela abstração da posse, é importante considerarmos que a noção de controle não pode ser observada. O parâmetro contato permanente também não se aplica, já que se trata de uma relação metonímica em que a matéria está na essência da própria existência do objeto.

Localização (X se localiza em Y)

Nessa relação, o Y localiza temporal ou espacialmente um objeto, X. A localização seria a categoria mais abrangente e espaço e tempo seriam subcategorias. A localização está inserida no esquema mais abstrato de tipificação, pois o modificador especifica o núcleo a partir de sua localização (espacial ou temporal).

- (7) “Vai cuidar da tua vida, jaburu! Mais respeito, eu quis dizer. Afinal, velhinhas. Um alarme de automóvel disparou lá fora, eu não queria começar aquele dia com outra **dor de cabeça**. Tenho que andar. Estou atrasado. Quase na porta do edifício, Jacyr me chamou”. (Corpus do Português, séc. XX)

No exemplo acima, podemos localizar o núcleo (“dor”) através de um ponto de referência (“cabeça”), através do qual estabelecemos contato mental com a outra entidade, menos saliente. Há uma relação de tipificação entre os nomes através da informação sobre a localização da dor.

Em “dor de cabeça”, há entre os nomes da colocação uma localização espacial, já que é possível identificar a dor por meio de uma parte do corpo, que é tomado como uma referência espacial. Nos termos de Langacker (1991; 2003), colocações como essas perfilam um domínio associado ao sintagma preposicional em seu sentido locativo básico.

A partir dessas considerações, é possível notar que, aqui, o foco recai sobre um aspecto que identifica o nome que ocupa a posição de SN1, no caso, o local. A relação de sentido enquadrada nesta pesquisa como localização explícita uma relação em que, de um lado, o local

passa a tipificar a dor e que, de outro, a dor existe dentro da cabeça, ou seja, pertence à cabeça, que poderia ser tomada como todo. Isso é corroborado pelo fato de que construções relacionais binominais com sentido de finalidade podem ser parafraseadas por outras construções binominais em que o “de” é substituído por “em” (na/no), como se vê em “dor na cabeça”. Nesse caso, a interpretação de localização parece mais explicitada e a tipificação da dor (por exemplo, a convencionalização de colocações como “dor na cabeça” serem tomadas como um tipo de dor específico) parece perder força.

Nessa relação, os parâmetros controle e contato permanente não se aplicam, uma vez que o local (no caso, “cabeça”) que é usado para restringir o referente expresso em SNI (no caso, “dor”) não exerce controle e nem tem contato permanente. A mesma conclusão se pode ver em outras colocações do mesmo tipo, tal como “dor de estômago”, “dor de dente”, “dor de ouvido”, e assim por diante.

Finalidade (Y é a finalidade para que X é feito)

Nessa relação, o Y representa a finalidade ou a função de X, isto é, Y responde à pergunta: Para que serve X? Os exemplos que se seguem, portanto, acompanham a interpretação dada à colocação “cadeira de praia”, que foi mencionada no início deste artigo, em que se defendeu que se trata da finalidade para a qual a cadeira foi projetada – para ser usada na praia.

Seguimos agora com exemplos retirados do *corpus* que ilustram essa relação.

- (8) “Sim – disse Adriano, começando a falar franco –, quadro de museu, imagem de altar, santo de sacristia, coisas famosas, consagradas. – Coisas de que todos gostam e que estão em lugares públicos ele gosta de levar para a sua **sala de visitas**. – Isto mesmo – disse o outro, dando uma palmada na coxa e rindo –, você exprimiu a coisa muito bem.” (Corpus do Português, séc. XX)
- (9) “É que, apesar de todo o movimento, até hoje a Ilha de Maré não tem um terminal com pier para os passageiros das embarcações, que fazem a travessia durante o dia todo. Esta é uma outra queixa geral dos moradores, veranistas e visitantes. Muitos adolescentes

da Ilha de Maré, que deveriam estar cursando a 5ª até a 8ª série, estão fora da **sala de aula**. A denúncia é feita pela professora Valdete Pereira e Silva, que leciona na única série existente na Escola Claudimira Santos Lima, na praia de Santana.” (Corpus do Português, séc. XX)

As colocações destacadas acima podem ser interpretadas como locais que são utilizados para determinados fins. Em (8), “sala de visitas”, por exemplo, o núcleo é modificado por um nome (“visitas”) que indica a função da sala: a recepção de visitas. De maneira análoga, em (9), a colocação “sala de aula” também é cunhada na língua como local projetado, destinado à realização de aulas. Essas colocações se opõem a outras, como “sala de jantar”, “sala de reunião” ou “sala de espera”, pela sua finalidade. Vale ressaltar também que, ao serem comparadas com colocações como “fim de semana”, “sala de visitas” e “sala de aula” apresentam uma leitura mais composicional.

Cabe apontarmos que, nessa categoria, a preposição “de” pode ser comutada pela preposição “para”, visto que Y é entendido como a finalidade para a qual X foi feito, projetado, destinado etc. Nesse caso, tem-se paráfrases do tipo: “sala para visitas”, “sala para aula”. Para melhor compreensão do sentido de finalidade, poderíamos, ainda, inserir um verbo após a preposição: sala para receber visita, sala para ter/dar aula. Como se vê, o domínio da POSSE que se mostrava mais proeminente nos dados de propriedade, relação social, parte-todo aparece cada vez mais opacificado, dando lugar a interpretações que dão mais claramente conta de sentidos enquadrados no domínio da TIPIFICAÇÃO, em que os dados são, de forma geral, mais interpretados como um tipo de algo do que pertencendo a algo.

Especialização (Y é a especialidade de X)

Na relação de especialização, Y indica a especialidade, área de atuação ou conhecimento relacionado a X, como se pode ver nos exemplos a seguir:

- (10) “É claro, porém, que as sociedades atuais são complexas demais para deixar de ter seguridade social, **serviços de saúde**, educação e toda a variedade de outros serviços que o público cada vez mais demanda. A supressão desses serviços é um fantasma ideológico inventado por mentes fora de fase.” (Corpus do Português, séc. XX)

- (11) “A essas ações, conforme disposto no artigo 18 da lei de regência, os estatutos atribuiriam o direito especial de eleger, em votação separada, um terço dos integrantes do **conselho de administração**.” (Corpus do Português, séc. XX)

Nos exemplos em (10) e (11), Y detalha a especialidade de X. No primeiro caso, Y (respectivamente, “saúde” e “administração”) é a especialidade de X (respectivamente, “serviços” e “conselho”). Da mesma forma que a construção relacional binominal é usada para expressar a ideia da área de cobertura dos serviços, em (11), toma-se como ponto de referência a área da “administração” para se entender a área de atuação daquele “conselho”.

Nesse caso, já há uma relação bem menos direta e óbvia com os sentidos associados ao domínio da POSSE e uma maior aproximação com a ideia de um tipo de serviço. Ou seja, mais fortemente interpretados dentro do domínio da TIPIFICAÇÃO. De fato, a especialização relaciona o referente (em X) a uma área de interesse à qual pertence. O foco recai sobre esse atributo do nome, que é utilizado como ponto de referência para se estabelecer contato mental com uma entidade tomada como menos saliente. É até possível entender a entidade como parte de uma dada área, porém, nesse caso, o foco recai sobre a relação de especialização (e não sobre a relação parte-todo), o que faz com que a carga possessiva seja preterida em função da carga atributiva que identifica uma entidade por meio de sua especialidade. Assim como na finalidade, as noções de controle e contato permanente não podem ser observadas.

Especificação

Na especificação, há uma relação de detalhamento/especificação entre os dois nomes que instanciam a construção. Assim, o Y especifica o X que pode ser um nome mais genérico, como o que se vê em em: “fita de vídeo”, “festa de formatura” etc.

Vejamos um exemplo do *corpus*.

- (12) “A BNDES Participações S.A. (Bndespar), subsidiária do BNDES, venderá, amanhã, às 13h30min, em leilão na **Bolsa de Valores** do Rio de Janeiro, um lote de um bilhão de ações ordinárias nominativas da Companhia de Eletricidade da Bahia (Coelba), ao preço mínimo de R\$ 66,35 por lote de mil ações - num valor total de R\$ 66,35 milhões.” (Corpus do Português, séc. XX)

O exemplo (12) apresenta uma relação em que o referente em Y (“Valores”) especifica o referente em X (“Bolsa”), de modo que “Bolsa de Valores” é um tipo de bolsa que se diferencia de “bolsa de apostas”, por exemplo. Assim como na especialização, na especificação, o foco incide sobre o atributo de SN1, mas, aqui, não se trata de uma especialidade, mas de uma característica que identifica determinada entidade dentro de uma classe, conforme os exemplos acima ilustram. Mais uma vez, percebemos um enfraquecimento da noção possessiva em detrimento da função atributiva, já que o objetivo passa a ser relacionar dois nomes para identificar o primeiro via uma característica que o diferencia dos outros membros de uma classe.

Conforme ilustra o exemplo, a colocação “Bolsa de Valores” é idiomáticamente interpretada como o lugar onde se comercializam ações de certas empresas. Essa perda de composicionalidade é acompanhada de alguma perda de analisabilidade, uma vez que, sendo uma formação bastante lexicalizada, tenderá a ser uma sequência muito automatizada na língua e tomada como uma unidade cognitiva com algo grau de integração entre as suas partes. Nesse sentido, deverá apresentar, por exemplo, menos possibilidade de haver material interveniente, ou seja, menos chance de o falante inserir algum item entre o SN1 e o SN2. Assim também se espera que modificadores como “de São Paulo”, por exemplo, em exemplos do tipo “Bolsa de Valores de São Paulo”, tomem o todo (“Bolsa de Valores”) como escopo da modificação formando uma nova instância de SN1 de SN2, em que “Bolsa de Valores” instancia o *slot* do primeiro SN e “São Paulo”, o do segundo SN.

Com essa análise, foi possível demonstrar que a construção relacional binominal do tipo SN1 de SN2 descrita aqui é polissêmica e que seus sentidos estão relacionados de modo que formam um *continuum* que entrelaça dois domínios distintos, a saber, o da POSSE e o da TIPIFICAÇÃO, em que relações de sentido associadas a esses dois domínios compartilham propriedades e podem ser tomadas como distribuídas em um continuum, como o que se viu na Figura 2, anteriormente.

Pelo fato de a construção apresentar uma alta cobertura e, assim, grande alcance na língua, muitas vezes foi difícil decidir por uma ou outra interpretação e mesmo delimitar o conjunto final das categorias de sentido que seriam tomados para descrever a polissemia. Compreendemos também que a análise não esgota todos os sentidos possíveis da construção, mas busca agrupar e delimitar aqueles que ocorreram no *corpus* ou

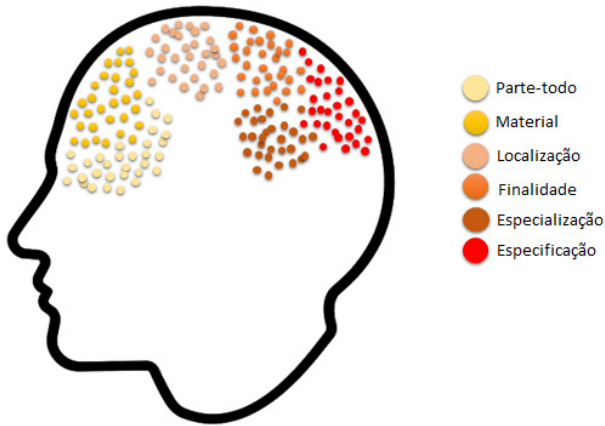
foram estabelecidos a partir de análises prévias e revisão da literatura, procurando categorias que gerassem um número de categorias coerente com a diversidade dos dados, mas que comportassem de forma eficiente as generalizações que o falante faz ao processar dados linguísticos.

A relação proposta entre os sentidos dialoga como o entendimento de que dados do uso que compartilham um maior número de propriedades são armazenados de maneira mais próxima na mente do falante, considerando a cobertura, o alcance da construção SN1 de SN2. São, portanto, categorizados como exemplares mais próximos na rede cognitiva.

Tendo tudo isso em vista, o resultado da análise das relações semânticas aponta para 6 sentidos pareados com SN1 de SN2 sem referência definida, a saber: finalidade, parte-todo, material, localização, finalidade, especialização e especificação. Em todos eles, um referente é usado para se conhecer outro (a partir da habilidade básica de ponto de referência) e, então, construir um conceito da combinação de ambos. Sendo assim, a análise confirmou a hipótese central do presente trabalho – a saber, a de que a construção relacional binominal do tipo SN1 de SN2 é polissêmica.

O falante abstrai um pareamento forma-significado como SN1 de SN2 a partir das instâncias previamente testemunhadas no uso da língua; desse modo, quando toma uma entidade como ponto de referência para evocar outra, uma das estratégias que ele tem armazenada é a construção binominal relacional do tipo SN1 de SN2. Com base na análise do *corpus*, produzimos a Figura 4, que procurou demonstrar que o compartilhamento de propriedades, em maior ou menor grau, entre os sentidos emergentes das ocorrências de SN1 de SN2 analisadas reflete uma maior ou menor aproximação cognitiva em termos de como o falante armazena os dados do uso.

Figura 4 – Armazenamento dos dados de uso de SN1 de SN2



Fonte: elaborado pelas autoras

Na Figura 4, cada escala de cor representa um sentido e cada bolinha, uma colocação (que, por sua vez, representa um *cluster* de exemplares em si, ou seja, uma colocação do tipo “fim de semana” é um *cluster* formado por todas as ocorrências de “fim de semana” testemunhadas pelo falante). As categorias semânticas se organizam como um agrupamento (*cluster*) com itens mais e menos próximos e mais ou menos consolidados na mente do falante. Um estudo com esse fim poderá proporcionalizar a robustez dos *clusters*, o que não foi possível detalhar aqui, em função da metodologia adotada. De qualquer forma, a ilustração mostra que exemplares que evocam relações de sentido mais estreitas são armazenados de maneira mais próxima, enquanto outros ficam mais distantes, considerando os limites desenhados pela cobertura (*coverage*) ou alcance da construção.

Cabe dizer que, a cada evento comunicativo, o falante generaliza, faz associações, reconhece similaridades formais e/ou de sentido e percebe uma sobreposição maior ou menor entre a construção testemunhada e aquelas que ele já tem armazenada na gramática, no *constructicon*. Assim sendo, as colocações testemunhadas impactam a rede cognitiva do falante, reforçando ou enfraquecendo as relações entre os sentidos da construção relacional.

O sentido de especificação, por exemplo, estaria mais próximo ao de finalidade e mais distante de parte-todo. Este, por sua vez, estaria

mais próximo do sentido de material, conforme apontamos durante a análise. A respeito do tema desta pesquisa, quando o falante escuta, por exemplo, “livro de Pedro” e “caderno de João”, ele reconhece a relação de propriedade nas duas colocações. Poderíamos dizer que ele percebe uma sobreposição no nível conceptual, semântico e formal e, conseqüentemente, as armazena de maneira próxima em sua rede cognitiva.

Já em colocações como “ventilador de teto” ou “cadeira de praia”, por exemplo, notamos que a noção de pertencimento — tipicamente associada ao domínio da POSSE — se mostra menos óbvia ou até mesmo inexistente, estando ambos caminhado para um outro domínio conceptual — a saber, o da TIPIFICAÇÃO: um tipo de ventilador, um tipo de cadeira. Assim, “cadeira de praia” não se trata de uma cadeira específica, mas de um tipo específico de cadeira. Nesse caso, o SN2 (“praia”) passa a ser usado como um atributo do objeto, algo que o caracteriza. Poderíamos dizer, então, que, nesses casos, as propriedades da tipificação são colocadas em proeminência em detrimento das propriedades da posse, já que perdem propriedades da posse.

De acordo com Goldberg (2019), os exemplares estão agrupados em nosso espaço conceitual hiperdimensional, um amplo domínio cognitivo de representação da linguagem. Tais agrupamentos (*cluster*) geram generalizações de restrições semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas e, assim, licenciam novas construções.

O falante escuta uma instância de uma construção e precisa decidir, considerando os usos que já tem armazenados, até que ponto estender uma construção existente. Se já testemunhou uma construção sendo ampliada com uma ampla variedade de exemplares, o usuário estará mais disposto a usá-la de forma produtiva. No entanto, quando existe uma formulação alternativa mais facilmente acessível para expressar a mensagem pretendida no contexto, a produtividade da construção diminui.

O alcance de uma construção é ampliado quando as instâncias testemunhadas são muito variáveis. Conforme mostramos ao longo da análise, essa construção apresenta alta cobertura, já que apresenta alta frequência *type*, alta variabilidade semântica e alta similaridade semântica (GOLDBERG, 2019).

6 Considerações finais

Este artigo se propôs a descrever a construção relacional do tipo SN1 de SN2, restringindo a análise ao conjunto de dados em que o SN2 não tem referência definida. Para tanto, a Linguística Baseada no Uso foi tomada como aporte teórico. De acordo com essa perspectiva, a gramática é resultante da atuação de processos cognitivos de domínio geral, que estão relacionados à experiência linguística e não linguística do falante.

A partir das colocações analisadas neste estudo, temos as seguintes evidências:

(i) o falante lança mão da construção relacional SN1 de SN2 para expressar variados sentidos, quando tem o propósito de relacionar dois conceitos já conhecidos por ele para formar um terceiro conceito;

(ii) analisando as colocações, notamos que vários sentidos podem ser veiculados por elas, como finalidade, especificação, localização etc. Esses sentidos estão associados semanticamente, configurando a polissemia da construção SN1 de SN2;

(iii) para interpretar essas colocações, o falante utiliza uma operação cognitiva (ponto de referência) em que uma entidade perceptualmente mais saliente serve como ponto de referência para interpretação de outra;

(iv) quanto mais lexicalizado o sentido da construção, menos inferível é a relação entre os nomes a partir da operação cognitiva do ponto de referência. Acreditamos que colocações como *lua de mel*, por exemplo, que apresentam alta idiomaticidade tendam a promover um enfraquecimento das relações sintáticas entre SN1 e SN2;

(v) a proximidade de alguns sentidos e a possibilidade de uma colocação poder ser interpretada por mais de um sentido podem indicar que esses sentidos estão também mais próximos cognitivamente.

Argumentamos, portanto, em prol da tese de que a construção relacional do tipo SN1 de SN2 pode ser caracterizada como uma construção de ponto de referência. Com isso, podemos dizer que as relações possessivas e as relações de tipificação, no português brasileiro, são relações de ponto de referência. Nesse caso, os domínios da POSSE e da TIPIFICAÇÃO se irmanam no que se refere a essa habilidade cognitiva. Cabe ressaltar que a análise semântica aqui apresentada não pretende ser exaustiva, compreendemos que ainda há muito a avançar no estudo da construção relacional binominal em português.

Declaração de autoria

Carolina Piechotta Martins Santos realizou a coleta dos dados no *corpus* utilizado neste trabalho, sendo a responsável pela sistematização do banco de dados e pela análise feita em parceria com a outra autora deste artigo. Realizou uma exaustiva revisão da literatura, aqui apresenta de forma muito sucinta, mas suficiente para o entendimento da contribuição de trabalhos prévios sobre o mesmo tema. Karen Sampaio Braga Alonso participou da elaboração do projeto e supervisionou/orientou todas as etapas da pesquisa, participando ativamente de cada uma delas. Analisou conjuntamente os dados e fomentou a discussão e posterior escrita tanto dos resultados obtidos, quanto da fundamentação teórica. O delineamento da metodologia, a análise dos dados e a redação foram realizados por ambas.

Referências

- BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage-based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BOOIJ, G. *The grammar of words: An introduction to linguistic morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BOURQUE, Y. S. *Toward a typology of semantic transparency: The case of French compounds*. 2014. 369 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of French Studies, University of Toronto, 2014.
- BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CALABRASE, R. *Living on the edge of two languages: a contrastive analysis of possessive constructions in Smaro Kamboureli's In the Second Person*. Ormskirk: Edge Hill University, 2010. Disponível em: <<https://www.lancaster.ac.uk/fass/projects/corpus/UCCTS2010Proceedings/papers/Calabrese.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2021.
- CEZARIO, M. M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso – uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2013.
- CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 295-321.

DIESSEL, H.; HILPERT, M. Frequency effects in grammar. In: ARONOFF, M. (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2016. p. 1-30.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HALLIDAY, M. K. A. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2014.

HAIMAN, J. *Natural Syntax: Iconicity and Erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: University Press, 2014.

JACKENDOFF, R. English noun-noun compounds in Conceptual Semantics. In: HACKEN, P. (ed.). *The semantics of compounding*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 15–53.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. I. Stanford: University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. II. Stanford: University Press, 1991.

LANGACKER, R. Strategies of clausal possession. *International Journal of English Studies*, San Diego, v. 3, n. 2, p. 1-24, 2003. DOI: <https://doi.org/10.6018/ijes>

LANGACKER, R. Possession, location, and existence. In: LANGACKER, R. (ed.). *Investigations in Cognitive Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 81-108.

RAJENDRAN, S. A Comprehensive Study on the Formation of Compound Verbs in Tamil. *Language in India*, Thanjavur, v. 5, n. 4, 2005.

RIO-TORTO, G.; RODRIGUES, A. S.; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO, S. *Gramática derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

STASSEN, L. *Predicative Possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

STEFANOWITSCH, A. *Corpus linguistics: A guide to the methodology*. Berlin: Language Science Press, 2020.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press: 2013.